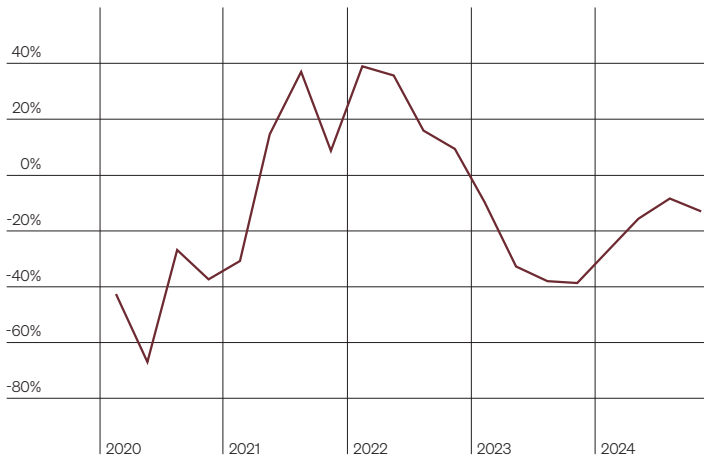


ANÁLISE
TRIMESTRAL
DE CONJUNTURA
À INDÚSTRIA DE
CALÇADO:
4º TRIMESTRE
2024

No final de 2024, a avaliação que as empresas portuguesas da indústria de calçado fizeram da conjuntura foi consideravelmente melhor do que no período homólogo do ano anterior, indiciando uma melhoria da conjuntura. No entanto, as suas respostas ao inquérito da APICCAPS revelam situações individuais diversificadas, tendencialmente mais favoráveis nas empresas de maior dimensão.

A resposta mais frequente relativa à evolução da produção, das encomendas e do emprego face ao terceiro trimestre de 2024 foi no sentido da estabilidade, mas as empresas que registaram decréscimos foram mais do que as que conseguiram aumentos. Passa-se o contrário no que respeita à evolução dos preços, sendo mais as empresas que consideram que aumentaram do que as que referem diminuições. Globalmente, cerca de metade das empresas consideram que o estado dos negócios foi suficiente e uma em cada cinco entende mesmo que foi bom. Como é habitual, a insuficiência de encomendas é a dificuldade referida por um maior número de empresas. Para o próximo trimestre, as empresas preveem a continuação destas tendências.



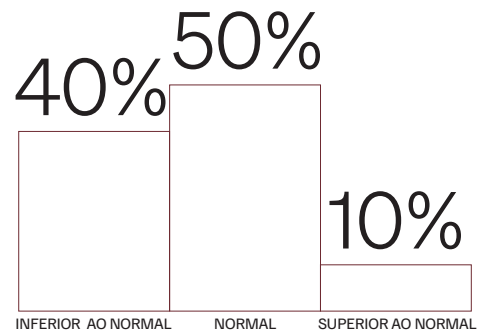
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

PRODUÇÃO

No último trimestre de 2024, a estabilização foi a resposta mais frequente das empresas portuguesas de calçado quanto à evolução da sua produção face ao trimestre anterior (41% das respostas). Embora quase um quarto dos inquiridos (23%) tenha referido que a sua produção aumentou, tal não foi suficiente para superar a opinião de 36% das empresas que referiram o contrário. Apesar de negativo, este saldo de respostas extremas (s.r.e.) de -13 p.p. representa uma melhoria de 26 pontos percentuais (p.p.) face ao registado no final do ano anterior, indicando um desagravamento da conjuntura setorial.

UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE

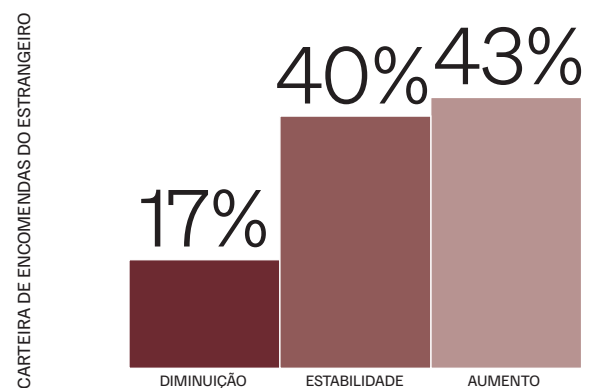
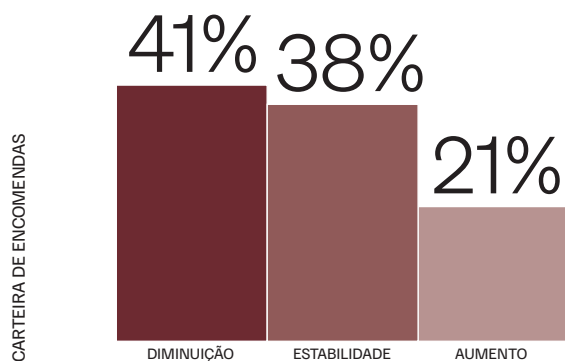
Metade das empresas inquiridas consideram que a utilização da sua capacidade produtiva, no quarto trimestre, foi normal para a época do ano. O saldo de respostas extremas foi de -30 p.p., tendo melhorado face ao trimestre anterior e atingido o valor mais baixo de 2024. As empresas de muito grande dimensão (com mais de 250 trabalhadores) apresentaram mesmo um s.r.e. positivo (25 p.p.).



CARTEIRA DE ENCOMENDAS

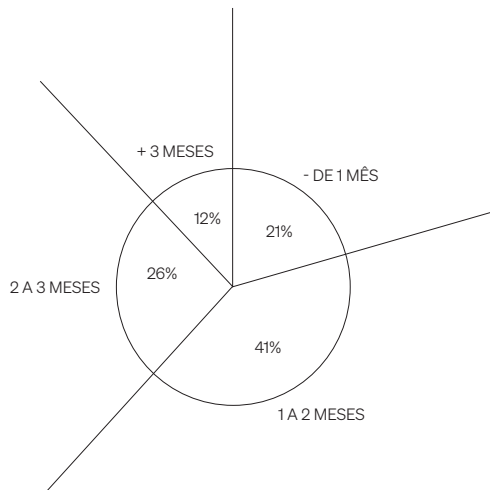
Quando corrigidos os efeitos da sazonalidade, o saldo de respostas extremas relativo à evolução da carteira global prosseguiu a tendência de melhoria que se tem registado desde o final do ano anterior, tendo atingido -20 p.p., o que representa uma melhoria de 26 p.p. face ao quarto trimestre de 2023. A evolução das encomendas foi tendencialmente mais favorável nas empresas de maior dimensão, com as grandes empresas a apresentar um s.r.e. nulo e as muito grandes (com mais de 250 trabalhadores) a atingirem +75 p.p.

O panorama é muito idêntico no que diz respeito à carteira de encomendas do estrangeiro: a resposta mais frequente também foi de diminuição da carteira, referida por 43% das empresas respondentes. Embora 40% indiquem que as encomendas vindas do exterior estabilizaram as que indicam uma diminuição ficaram 26 p.p. acima das que referem um aumento.



HORIZONTE

Globalmente, verificou-se um considerável alongamento da carteira de encomendas face ao que se verificava há um ano: 38% das empresas dizem agora ter dois ou mais meses de produção assegurada pela carteira de encomendas quando no final de 2023 essa percentagem era de apenas 23%. Há mesmo 12% dos inquiridos que consideram que a carteira lhes garante mais de três meses de atividade, o que é a percentagem mais elevada desde o início de 2023. Nesta matéria, as respostas das empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos são mais favoráveis do que as restantes.



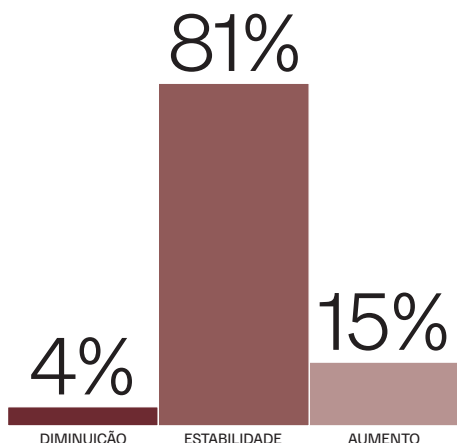
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS

PREÇOS

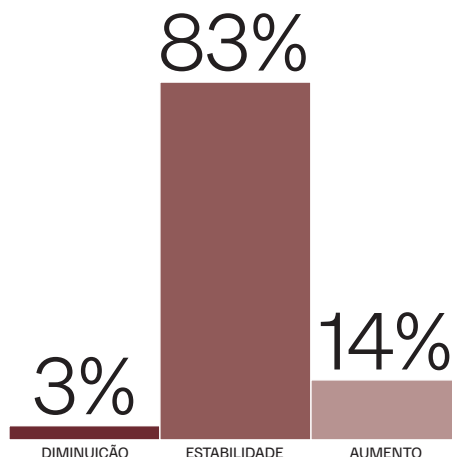
Neste trimestre, acentuou-se a tendência de aumento dos preços quer em Portugal, quer no estrangeiro. Em ambos os casos, a percentagem de empresas que declarou ter sentido essa tendência superou em 11 p.p. a das que disseram o contrário. Em Portugal este saldo de respostas

extremas foi o mais elevado desde o início de 2023. No entanto, quatro em cada cinco empresas consideram que os preços permaneceram estáveis.

PREÇOS EM PORTUGAL

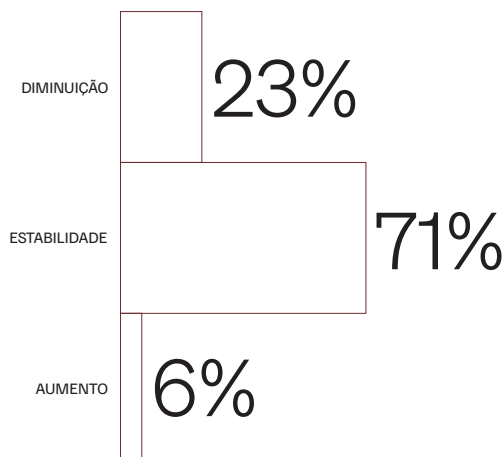


PREÇOS NO ESTRANGEIRO



PESSOAS AO SERVIÇO

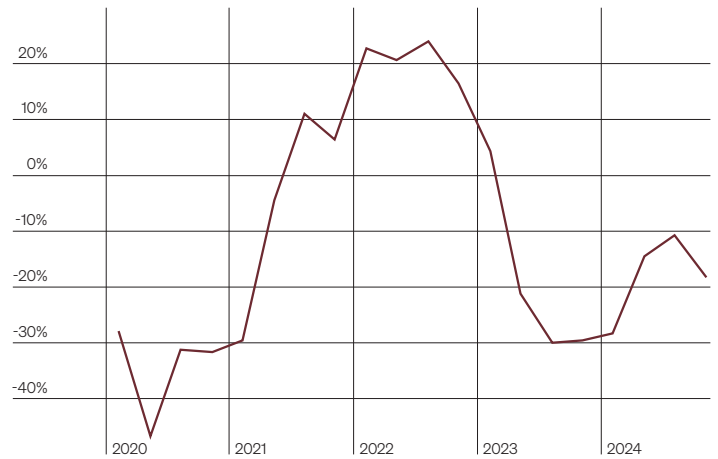
A grande maioria das empresas manteve os níveis de emprego inalterados (71%) mas, também neste aspeto, o número de indicações de diminuição excedeu o das de aumento (s.r.e. -17 p.p.), contrariando a previsão menos pessimista formulada pelas empresas no trimestre passado (-2 p.p.). Neste ponto, as grandes empresas foram as únicas a apresentar um s.r.e. positivo de 7 p.p.



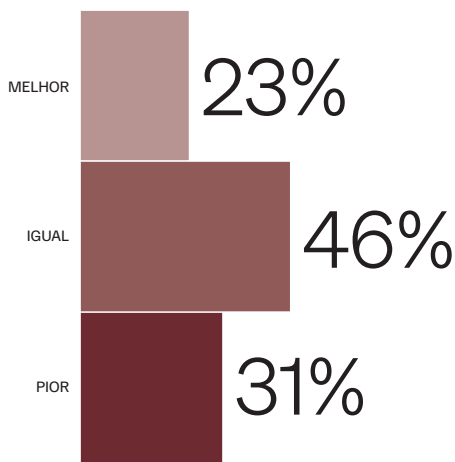
EMPREGO

ESTADO DOS NEGÓCIOS

Tal como no trimestre anterior, a resposta mais comum das empresas foi que o estado dos negócios no quarto trimestre foi suficiente (47%). Entre as restantes a diferença entre as que consideram que o estado dos negócios foi, respetivamente, bom e mau agravou-se, tendo caído para -17 p.p. face ao trimestre anterior. No entanto, por comparação com o último trimestre 2023, o saldo de respostas extremas melhorou 11 p.p.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

Quando lhes é pedida diretamente essa comparação, quase um quarto das empresas (23%) consideram que o estado dos negócios foi melhor do que no trimestre homólogo de 2023. No entanto, o s.r.e. manteve-se negativo em 8 p.p. (embora seja o mais favorável em quase dois anos).

A apreciação do estado dos negócios é tanto mais favorável quanto maior a dimensão das empresas: o s.r.e. varia deste -32 p.p. para as pequenas empresas até +25 p.p. para as muito grandes. Em termos de orientação de mercado, as respostas mais favoráveis vêm das empresas moderadamente exportadoras (s.r.e. +10 p.p.). Na comparação com o trimestre homólogo, o panorama é semelhante: as empresas de grande (s.r.e. 0 p.p.) e muito grande (s.r.e. +50 p.p.) dimensão dão respostas mais favoráveis do que as restantes, e o mesmo acontece com as empresas moderadamente exportadoras (s.r.e. +40 p.p.).

PEQUENAS EMPRESAS	45%		42%	13%
	MAU	SUFICIENTE	BOM	
MÉDIAS EMPRESAS	26%	63%		11%
	MAU	SUFICIENTE	BOM	
GRANDES EMPRESAS	29%	43%	28%	
	MAU	SUFICIENTE	BOM	
MUITO GRANDES EMPRESAS	50%	50%	50%	
	MAU	SUFICIENTE	BOM	

LIMITAÇÕES À PRODUÇÃO E VENDAS

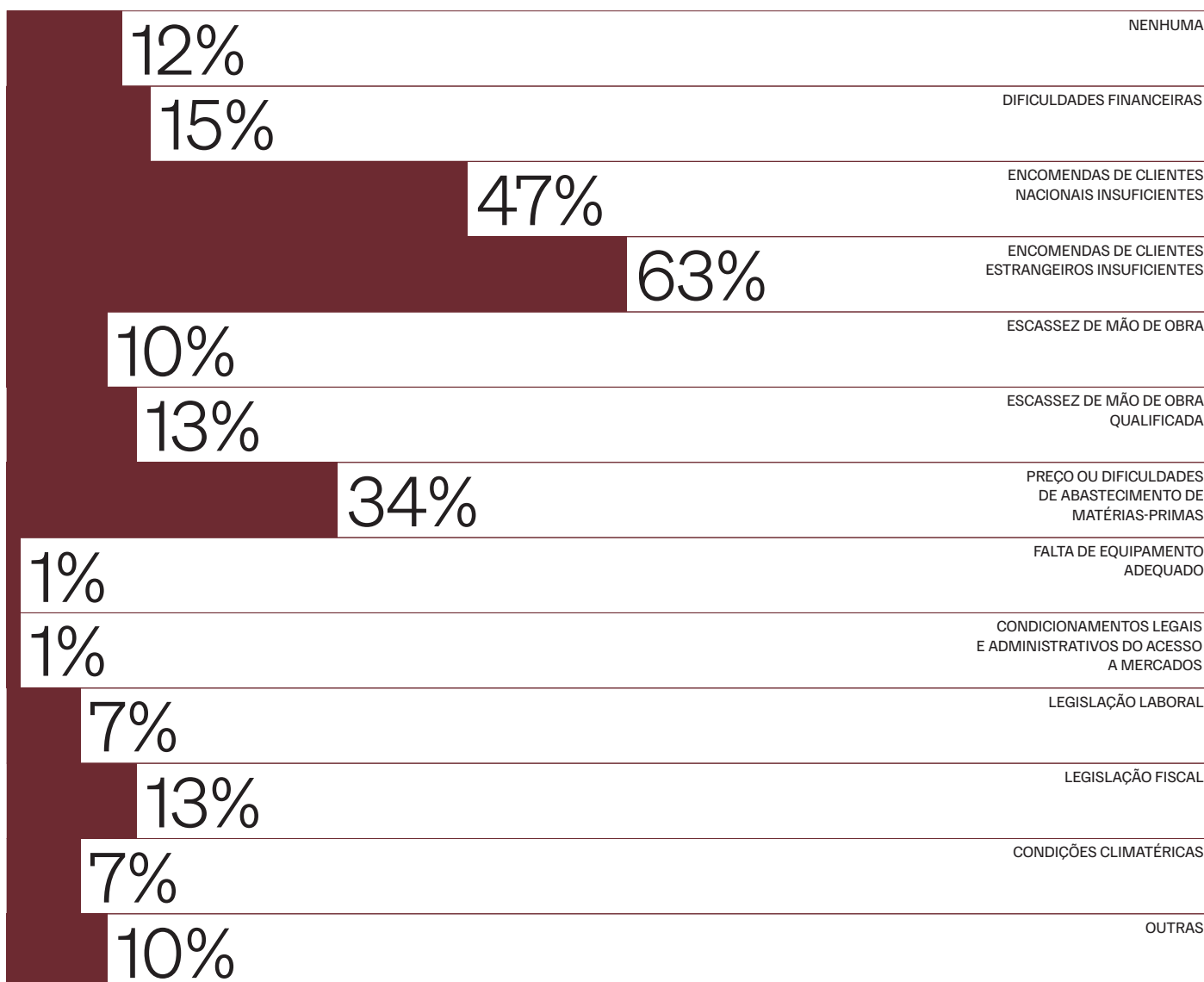
Como habitualmente, a principal limitação à produção e vendas das empresas da indústria do calçado no último trimestre de 2024 foi a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (63%), embora a percentagem de empresas que a referem tenha sido 5 pontos percentuais inferior à das que o fizeram no trimestre transato. O segundo lugar é ocupado pela insuficiência de encomendas de clientes nacionais que, em sentido inverso, registou um aumento de 7 pontos percentuais nas referências, para 47%. Ambos os problemas são mais frequentes entre as empresas de menor dimensão.

As dificuldades relacionadas com o processo produtivo diminuíram significativamente face ao terceiro trimestre: as limitações relacionadas com o preço ou com o abastecimento de matérias-primas passaram de 41% para 34%, ocupando a terceira posição, as relacionadas com a

falta de mão-de-obra geral de 15% para 10% e as relativas à mão-de-obra qualificada de 21% para 13%.

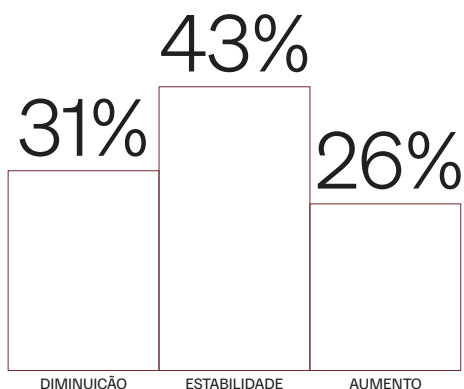
Significativo, também, foi o aumento da percentagem de empresas que mencionou ter-se deparado com dificuldades relativas à legislação fiscal (13%), tendo diminuído as referências à legislação laboral e a condicionamentos no acesso a mercados.

Finalmente, houve um ligeiro acréscimo nas referências a dificuldades financeiras que, com 15%, se encontram próximas do seu máximo histórico, enquanto, em contrapartida, a percentagem de empresas que dizem não enfrentar nenhuma dificuldade subiu para 12%, o nível mais alto desde o início da pandemia de COVID-19. Estes sinais contraditórios sugerem a existência de situações diferenciadas dentro da indústria portuguesa de calçado.



TENDÊNCIA DA PRODUÇÃO

As perspetivas para a evolução da produção no primeiro trimestre de 2025 são ligeiramente negativas: embora 43% das empresas prevejam a sua estabilização, as que acreditam num aumento são menos do que as que recebem uma diminuição (s.r.e. -5 p.p.). No entanto, quando se corrigem os efeitos da sazonalidade, estas previsões são as mais favoráveis dos últimos dois anos. Aliás, o resultado global negativo deve-se exclusivamente às empresas de pequena dimensão.



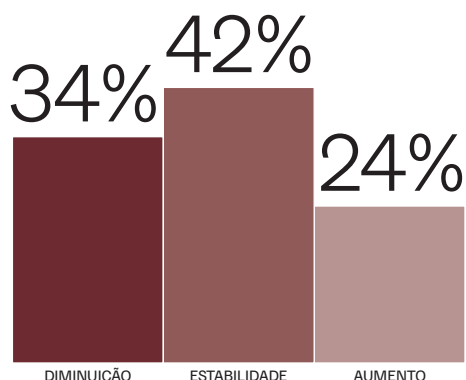
PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

PERSPETIVAS DE ENCOMENDAS

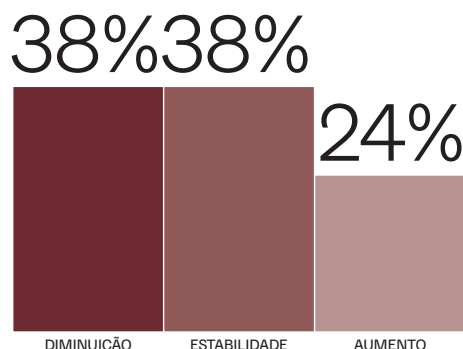
Estabilidade é também a previsão mais frequente tanto para a carteira global de encomendas (42%), como para a carteira de encomendas do estrangeiro (38%). No entanto, os saldos de respostas extremas permanecem negativos em ambos os casos (-10 p.p. no total e -14 p.p.

para as encomendas do estrangeiro). Estes saldos negativos são também essencialmente determinados pela antevisão pessimista das empresas de menor dimensão.

PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



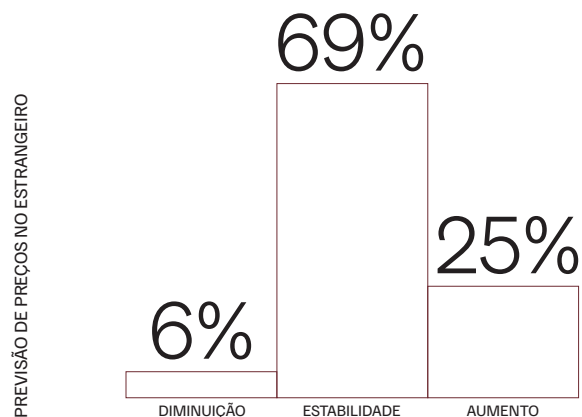
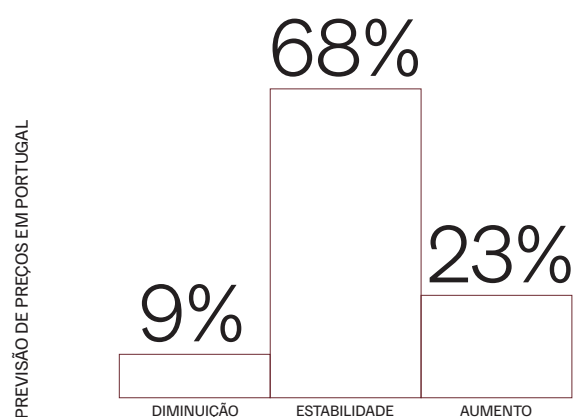
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



PERSPETIVAS DE PREÇOS DE VENDA

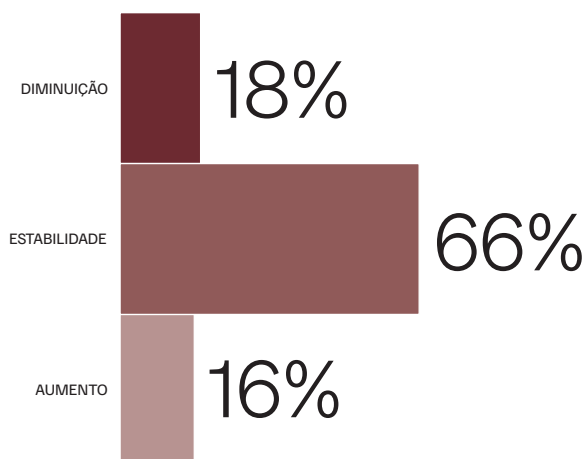
A larga maioria das empresas prevê que os preços de venda no primeiro trimestre de 2025 se mantenham estáveis, tanto em Portugal (68%) como no estrangeiro (69%). Em ambos os casos, as empresas que acreditam

num aumento do preço superam as que receiam uma diminuição: o saldo de respostas extremas é de +14 p.p. para o mercado nacional e +19 p.p. para o estrangeiro, sugerindo uma tendência de aumento dos preços.



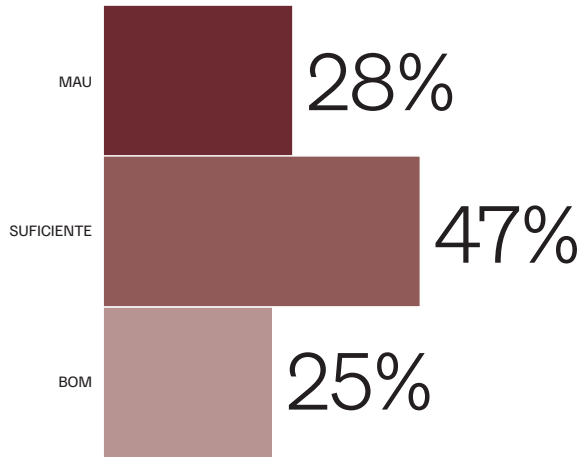
PERSPETIVAS SOBRE O EMPREGO

As perspetivas para o emprego na indústria são de estabilidade: duas em cada três empresas pronunciam-se nesse sentido e entre as restantes as que preveem uma diminuição excedem em apenas 2 p.p. as que acreditam num aumento. Embora ligeiramente negativo, este saldo encontra-se no nível mais favorável dos últimos dois anos. Para as empresas grandes e muito grandes a previsão para o emprego é francamente otimista (s.r.e de +22 p.p. e +25 p.p., respetivamente).



PERSPETIVAS SOBRE O ESTADO DOS NEGÓCIOS

Quase metade das empresas (47%) acreditam que o estado dos negócios no início de 2025 será satisfatório, sendo que um quarto prevê mesmo que será bom. O saldo de resposta extremas continua ligeiramente negativo em -3 p.p. mas melhorou 2 p.p. face à previsão anterior. Quando sondadas para estabelecer uma comparação entre o estado de negócios que esperam para o primeiro trimestre de 2025 e o verificado no trimestre homólogo do ano anterior, o número de empresas que creem que será melhor é superior às que julgam o contrário (s.r.e. +6 p.p.) denotando uma tendência de melhoria da conjuntura.



PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS

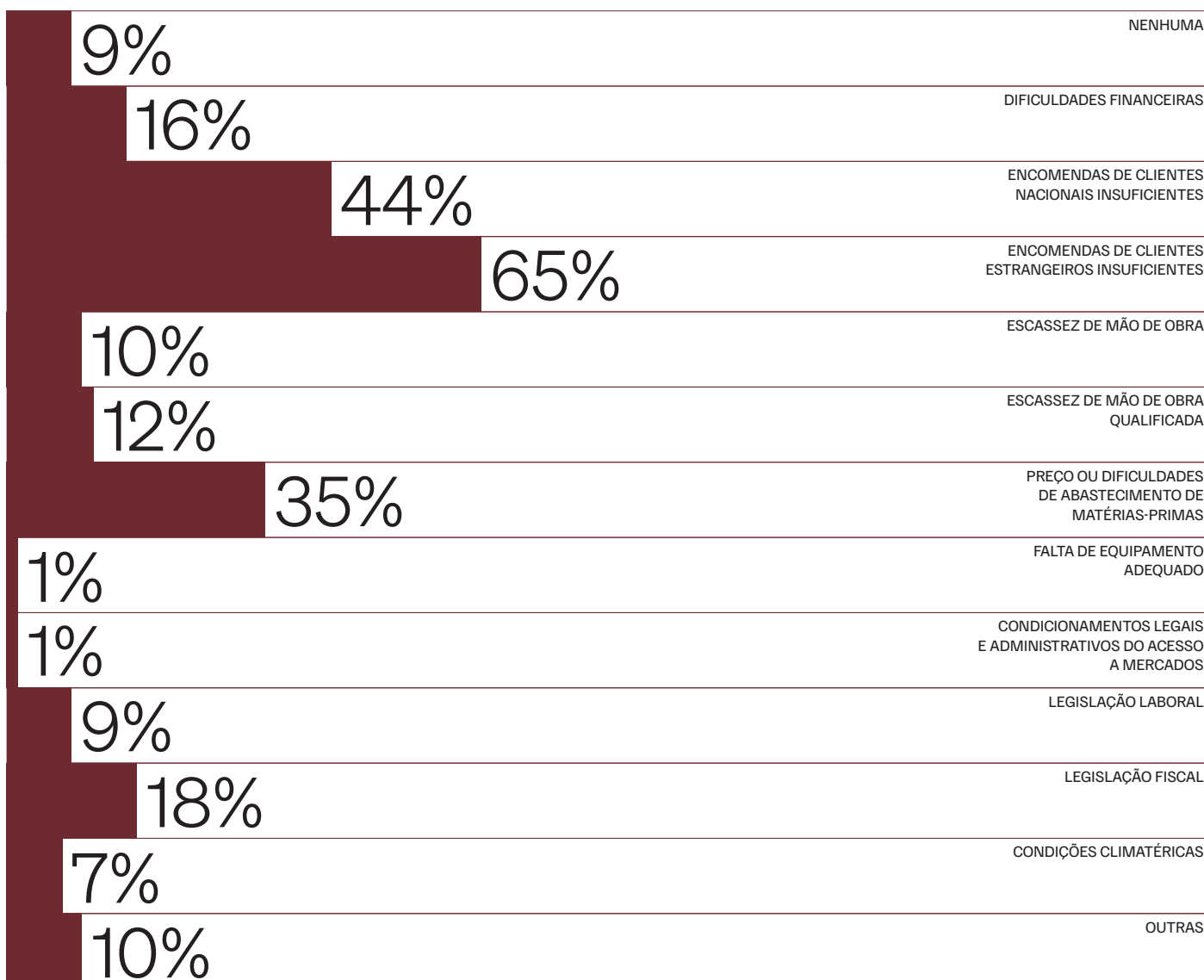
As expectativas das empresas quanto ao estado dos negócios estão positivamente relacionadas com a sua dimensão, sendo claramente positivas entre as grandes e muito grandes empresas (s.r.e. de 36 e 25 p.p., respetivamente). Já a orientação de mercado não apresenta uma relação clara com estas previsões que são acentuadamente positivas para as empresas moderadamente exportadoras mas negativas, tanto para as que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional como para as que exportam mais de 75% do seu volume de negócios.

PEQUENAS EMPRESAS	45%		36%	19%
	MAU		SUFICIENTE	BOM
MÉDIAS EMPRESAS	16%	68%		16%
	MAU	SUFICIENTE		BOM
GRANDES EMPRESAS	7%	50%		43%
	MAU	SUFICIENTE		BOM
MUITO GRANDES EMPRESAS	25%		25%	50%
	MAU	SUFICIENTE		BOM

LIMITAÇÕES PREVISTAS

As limitações previstas para o primeiro trimestre de 2025 são muito semelhantes às que as empresas sentiram no final de 2024. A maior diferença prende-se com o aumento das dificuldades relacionadas com legislação fiscal, que 18% das empresas preveem enfrentar, quando apenas 13% dizem tê-las sentido no trimestre transato. Embora menos frequentes (9%), as referências a dificuldades relacionadas com a legislação laboral também registam um aumento face ao final de 2024. Ao nível do mercado, há um pequeno acréscimo nas referências à escassez de encomendas de clientes estrangeiros (de 63% para 65%), mas um, igualmente pequeno, decréscimo nas que são feitas à

escassez de encomendas de clientes nacionais (de 47% para 44%). Quanto aos fatores de produção, observa-se um ligeiro crescimento das preocupações com o preço e abastecimento de matérias-primas (de 34% para 35%) e uma diminuição das referências a escassez de mão-de-obra qualificada (de 13% para 12%). O ligeiro acréscimo nas referências a dificuldades financeiras (15% para 16%) e a diminuição do número de empresas que preveem não ter nenhuma dificuldade (de 12% para 9%) revelam que a confiança dos empresários ainda não se consolidou.



DIFICULDADES PREVISTAS PARA O PRÓXIMO TRIMESTRE

NOTAS DE CONJUNTURA

A evolução da indústria portuguesa de calçado no último trimestre de 2024 retratada nas páginas anteriores foi semelhante à dos seus pares internacionais. De acordo com o Eurostat, naquele trimestre a produção da indústria de calçado no conjunto dos 27 países da União Europeia recuou 2,7% face ao trimestre anterior. Nos últimos dois anos, este foi o sétimo trimestre com uma queda da produção. Entre os principais concorrentes da indústria portuguesa, a queda foi mais acentuada em Itália, onde atingiu os -5%. Tratou-se, para este país, do oitavo trimestre consecutivo de diminuição da produção. Em Espanha, a queda foi menor, apenas -0.8%, tendo havido três trimestres de crescimento nos últimos oito.

Os dados do Eurostat apontam para um ligeiro decréscimo dos preços do calçado ao nível do produtor quando comparados com o trimestre anterior, mas para um pequeno aumento, pouco superior a 1%, quando comparados com o trimestre homólogo de 2023. Em Itália e Espanha, o crescimento foi menor, ficando abaixo de 1%.

As estatísticas de comércio internacional permitem leituras divergentes sobre a conjuntura setorial. Quando comparadas com o trimestre anterior, no quarto trimestre de 2024 as importações de calçado, independentemente da proveniência, diminuíram em todos os principais mercados. Na Alemanha e na França, principais mercados do calçado português, as quedas foram de 12% e 13%, respetivamente. Nos EUA, a quebra foi de 10%. No entanto, quando a comparação é feita com o quarto trimestre de 2023, há evidentes sinais de melhoria da situação, com um aumento de 13% nas importações alemãs e de 18% nas americanas. Em França, o crescimento foi bastante mais modesto, apenas 1%. No conjunto dos 27 países da União Europeia, as importações recuaram 13% por comparação com o trimestre anterior, mas aumentaram 9% quando comparadas com o trimestre homólogo de 2023.

A atualização de janeiro do World Economic Outlook do Fundo Monetário Internacional prevê que, nos próximos dois anos, a economia mundial continue a crescer a um ritmo de cerca de 3,3% ao ano, semelhante ao registado no passado recente. No entanto, enquanto a economia americana deve registar algum abrandamento, passando de um crescimento de 2,8% em 2024 para 2,1% em 2026, a Área Euro deve acelerar ligeiramente, dos modestos 0,8% do ano transato para 1,4% em 2026. Entre os principais países europeus, a Espanha deve conseguir o crescimento mais elevado, embora em desaceleração, enquanto para Alemanha e França se espera uma quase estagnação em 2025 e um crescimento de apenas 1,1% em 2026. Noutras geografias, a Índia deve liderar o crescimento mundial, a um ritmo de 6,5% ao ano, à frente da China que abrandará para cerca de 4,5%.

As projeções apresentadas em março pela OCDE são ligeiramente mais prudentes, apontando para um abrandamento do crescimento da economia mundial para 3% até 2026. A diferença em relação ao FMI resulta, em parte significativa, de previsões mais baixas para o crescimento da economia dos EUA, refletindo já o impacto da política da nova administração americana. As previsões para as principais economias europeias são semelhantes às do FMI, embora mais otimistas em relação à economia espanhola.

Sem referir explicitamente as medidas protecionistas da administração Trump, a OCDE afirma que “Houve alterações nas políticas comerciais que, se mantidas, teriam impacto negativo no crescimento global e aumentariam a inflação.” A OCDE alerta ainda para que “Os indicadores de atividade recente começaram a apontar para um enfraquecimento das perspetivas de crescimento global. O sentimento empresarial e do consumidor enfraqueceu em alguns países e os indicadores de incerteza na política económica aumentaram significativamente em todo o mundo.”

As previsões mais recentes, formuladas por diversas instituições no final do ano anterior, apontam para que a economia portuguesa cresça cerca de 2% em 2025, variando entre 1,9% pela Comissão Europeia e 2,4% pelo Conselho das Finanças Públicas.

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucadâneos



Cofinanciado pela
União Europeia